

FERRO-GAITA CRIA ESCOLA DE MÚSICA

24 DE OUTUBRO DE 2008



Kriolidadi

CULTURA E VARIEDADES

A SEMANA



Elias Vaz Moniz
vencedor
do Prémio
Cidade Velha



Nicolas Quint

Mapa de variações linguísticas

Nicolas Quint vai publicar um atlas linguístico do Sul do arquipélago de Cabo Verde. O linguista francês, que já editou vários trabalhos científicos, e não só, sobre a língua cabo-verdiana, quer, com essa publicação, mostrar que por si só a divisão do país em ilhas não explica as variações do crioulo.

Investigador do Centro Nacional Francês de Pesquisa Científica (Laboratório de Línguas, literaturas e culturas da África Negra), Nicolas Quint diz ter já investido anos da sua vida neste projecto de mapeamento das variações do crioulo das ilhas de Santiago, Fogo, Maio e Brava, ainda sem data de lançamento.

E verificou que “dentro de uma mesma ilha há muitas variações”. Quer isto dizer, alega, que “a questão das ilhas não basta para abranger a multiplicidade das variantes do crioulo cabo-verdiano”. Como se explicam, por exemplo, os ruídos na comunicação entre dois badius, um

da Praia e outro de Santa Catarina?

Talvez porque, diz o linguista Manuel Veiga no prefácio do recém-lançado “*Africanismos na língua cabo-verdiana*”, também de Nicolas Quint, “o crioulo de Cabo Verde é uma árvore com muitos ramos”.

Para divulgar esta árvore junto do público francófono, Nicolas Quint já traduziu três contos tradicionais cabo-verdianos - “*Compère Loup, Compère Lièvre et le Bon Dieu*” “*compadri Lobo, compadri Chibinho e Nhôr Deus*”, “*Le loup, le Lièvre e la sorcière Tia Ganga*” (Nhô Lobo, Chibinho e Tia Ganga) (2005) e “*Gó ki pórka dja torsi rábu*” (2007) -, lançados recentemente na cidade da Praia.

“*Conservámos o original para que as pessoas pudessem fazer a comparação, por isso optámos por publicações bilingue*” (crioulo-francês) para “*compadri Lobo, compadri Chibinho e Nhôr Deus*” e “*Lobo, Chibinho e Tia Ganga e trilingue (crioulo-português-francês) no terceiro*

caso”, explica Nicolas Quint. Mas porque, como diz o próprio linguista, “*toda tradução é uma traição*”, não faltaram problemas.

“*O crioulo é uma língua muito económica, predominantemente oral e com expressões idiomáticas difíceis de traduzir. Mas eu e o Aires Semedo, autor das histórias em crioulo, acabamos por conseguir soluções*”, conta Nicolas Quint, para quem a reacção do público francófono a essas publicações tem sido positiva.

Numa proporção de 50/50, o público é constituído por pessoas de origem cabo-verdiana (descendentes que vivem em França) e francesa. “*Os primeiros compram os livros porque querem saber mais da sua cultura de origem. Os outros, turistas e pessoas que por várias razões são levadas a conviver com os cabo-verdianos, querem aprender a língua para melhor se relacionarem com os cabo-verdianos*”.

Teresa Sofia Fortes

Sal em concurso de vozes

“*Canta Dja d’Sal*” é o concurso de vozes que o Centro Cultural de Santa Maria está a promover. Condição primordial para participar na disputa? Cantar temas, inéditos ou não, que versam sobre a ilha do Sal. A ideia, diz Herculano Brito, director do CCSM, “*é estimular a criatividade dos salenses*”.

A segunda sessão do concurso, no qual participam 20 pessoas (após uma triagem de um lote de 35 inscritos),

acontece este sábado, 25, às 21h30. Classificam-se para a meia-final os três primeiros colocados da eliminatória. A final está agendada para 29 de Novembro.

Para lá chegar, além de cantar bem, os concorrentes devem primar pela interpretação de temas originais porque assim podem beneficiar de um bónus na pontuação. “*É uma forma de descobrir novos talentos tanto na interpretação como na composição*”,

afirma o director do CCSM.

O vencedor da finalíssima terá como prémio a oportunidade de actuar em uma série de espectáculos no Centro Cultural de Santa Maria e noutros palcos da vila turística. Ou seja, explica Herculano Brito, “*uma vez que não temos condições para atribuir prémios monetários, disponibilizamos o nosso espaço e organizamos actuações nos hotéis e bares de Santa Maria*”.

TSF



Mário Lúcio

“Badyo” em Luxemburgo, Áustria e Alemanha

Mário Lúcio Sousa inicia, na segunda semana de Novembro, uma digressão internacional que o levará ao Grã-Ducado do Luxemburgo, à Áustria e à Alemanha. O cantor e compositor cabo-verdiano vai interpretar “*Badyo*”, o terceiro álbum da sua carreira a solo em oito concertos.

De 12 a 23 de Novembro, Mário Lúcio Sousa actua nas cidades de Luxemburgo, Lollar e Potsdam (Luxemburgo), Zurique, St Polten (Suíça), Viena e Dombim (Áustria) e Estugarda (Alemanha).

É o regresso de Mário Lúcio aos palcos internacionais após um intervalo de três meses. Uma pausa necessária depois de um Verão intenso que o levou numa *tournee* – Portugal, Alemanha, Brasil e França.

Ao todo, Mário Lúcio Sousa deu 15 espectáculos neste Verão para apresentar o seu “*Badyo*”, disco de 16 temas que explora novas sonoridades. Descobertas não só graças ao seu talento mas também à parceria com Ali Keita, Mariza Mercadet, Thierry Fanfat, Chico Serra, Lela Violão, Houss, entre outros.

E o jornal francês *Le Parisien*, em coro com outros órgãos de comunicação social galeses, viu esses momentos como reflexos da “*brassage*”, mestiçagem de músicas que Mário Lúcio tem vindo a construir pelo mundo. Assim: “*a sua música é, à sua imagem, rica de diversidades*”, fruto de “*recolhas de ritmos cabo-verdianos e de outras regiões do globo como Brasil, Cuba, Europa e África*”.

TSF

Ferro-Gaita cria escola de música

Escola de Música Tradicional Ferro-Gaita é o nome do mais novo projecto de Eduíno e seus companheiros de banda. Um projecto que é alimentado, diz Eduíno, “*pelo desejo de garantir o futuro da nossa música tradicional e do conjunto Ferro-Gaita*”.

A funcionar neste momento na sala de ensaios dos Ferro-Gaita, no Parque 5 de Julho, a escola é gratuita. “*Tirámos dinheiro do nosso bolso para manter a escola, inclusive para dar uma gratificação ao professor das aulas teóricas*”, conta Eduíno, rodeado dos seus pupilos.

Estes, crianças e adolescentes, fre-

quentam aulas das três às sete da noite. Além dos conhecimentos teóricos, participam de aulas práticas que são ministradas tanto por Eduíno como por outros elementos do conjunto Ferro-Gaita, onde aprendem a manejar a gaita, o ferrinho, o búzio, entre outros instrumentos.

Assim, além de dotar os seus alunos das ferramentas básicas para uma carreira musical, Eduíno e seus colegas do Ferro-Gaita estão a preparar a próxima geração da banda a que pertencem. “*Quando não pudermos estar aqui, prosseguirão a promover a música tradicional no nosso lugar*”, garante Eduíno.

TSF



Ritmos tradicionais do Fogo em livro

Os ritmos tradicionais da Bandeira da ilha do Fogo vão ser editados em livro e CD. O projecto é do músico alemão Markus Leukel, um especialista em bateria que tem 40 CDs gravados e já realizou pesquisas dos mais variados ritmos tradicionais. Os dois livros de Leukel falam do seu percurso, ele que está na música desde os seus tempos de criança. São eles “*Afro-drums*”, que fala da tradição musical da África Ocidental, e “*Ritmos do Brasil*”.

O baterista e percussionista esteve durante duas semanas no Fogo e estudou os ritmos da bandeira, tocados pelo tamboreiro-mor da ilha, Valdomiro Dias. “*Um privilégio*”, resume o músico alemão essa sua experiência com o tamboreiro, que também lhe mostrou o Toque de Pilão, Brial de Cavaleiros, Brial de Rua, Toque de Nho Dimingo Canizade, Toque de Nha Damacha, Braga Maria, Preto, Toque de Procissão, Toque de Roçadas e Corrida de Argolinha e Grinalda. Além da cultura do Fogo, o alemão agendou sessões de trabalho na ilha de Santiago com os Ferro e Gaita e os grupos de tabanca para futura gravação e edição desses ritmos que são os mais conhecidos da música tradicional do arquipélago.

Mas como o objectivo é escrever um livro que incluía todos os ritmos tradicionais de Cabo Verde – já gravou vá-

rios grupos de batuque –, faltam-lhe os ritmos de Barlavento, principalmente o “*Colá São João*”. Leukel perspectiva com esta sua pesquisa levar os maiores artistas mundiais a tomar conhecimento dos ritmos tradicionais cabo-verdianos.

Sobre Leukel – que em Maio pisou pela primeira vez terras cabo-verdianas – **Kriolidadi** soube que aprendeu a tocar bateria aos dois anos de idade e a ler música com um grande baterista holandês de jazz, Joop Van Erven (na universidade de Hoogeschool voor de Kunsten – Arnheim). O músico Kim Alves falou-lhe pela primeira vez da riqueza rítmica da música tradicional do Fogo, uma linha melódica ainda pouco explorada no país. Depois encontrou-se com os estudiosos desses ritmos, Talulu e Ramiro Mendes que, inclusive, já ostentam trabalhos muito bem conseguidos e de alta qualidade musical sobre a Bandeira Talaia Baixo, etc. Leukel gostou tanto do que ouviu que já marcou presença nas festas de Nhô São Filipe do próximo ano (Maio), participando nas cavalhadas no Alto São Pedro.

Nicolau Centeio



“Projecto Verão”, uma história com vários rumos

Manuel Mendes Correia, conhecido por Zé de Sucupira, é o empresário que persiste em promover novos talentos e descobrir artistas. Cabe-lhe, muitas vezes compor, seleccionar e até mesmo aprimorar as músicas anónimas que lhe passam para as mãos, pois há muito assumiu a missão de lançar os jovens. É assim que funciona o “*Projecto Verão*” que surgiu no ano de 2000 e desde então já lançou mais de 200 cantores no mundo artístico.

Começou como um projecto pensado apenas para lançar um volume, ideia que surgiu dos músicos Dabs, Felipe Monteiro, Zeca de Nha Reinalda tendo Zé de Sucupira como produtor. Hoje a experiência já soma nove CDs no mercado.

Todos os jovens que conseguem uma “*melodia fixe*”, músicas inéditas, procuram Zé de Sucupira. Ele escuta as melodias, faz os “*retoques*” necessários e depois dá a sua selecção para um CD Verão. Com o CD montado, o produtor convida um artista conhecido para fazer parte do álbum, que tem um tecto máximo: 12 participações. “*Trago sempre um artista conhecido para ajudar na venda*”. Esse é mais um detalhe que Zé de Sucupira introduziu para vender melhor o trabalho, onde os músicos anónimos e estreados têm exclusividade. E é assim que todos os anos acontece um novo “*Projecto Verão*”.

Esses jovens sentem o sabor de ser artista, o gostinho do sucesso, mas nem sempre a sorte brilha para todos. Muitos se perdem no caminho, enquanto outros agarram a sua estrela e continuam o seu rumo na música. Cabe a cada um a tarefa de administrar esse sucesso: shows, espectáculos, agendas, etc.

Para o produtor, esse é um projecto “*Solidário*”, visto que não tem nenhum lucro. “*Eu não tenho lucro, 90 % é pirataria. Gasto cerca de 1000 contos a fazer um CD e não consigo ter lucro por causa dessa onda de pirataria que temos em Cabo Verde*”, desabafa Zé. Então porque insiste nesta via?, quisemos saber. “*Eu faço isto porque gosto de música e recebo ajuda de pessoas no exterior, mas eu não tenho recursos para continuar*”. Zé expressa-se sua indignação com a falta de escrúpulos de pessoas que não se importam de contar os sonhos de jovens talentos. Mas também está apreensivo por não saber o futuro do projecto. Enquanto isso, esses quase 200 jovens cantores continuam disputando um espaço na música.

Gilvanete Chantre

LIVRO

Message in a Bottle

A obra que vamos apresentar esta semana está na sua 49ª edição. A primeira foi lançada em Março de 1999. Tem sido uma das obras mais procuradas na livraria *Nhu Eugénio* - Meio da Achada Santo António, Praia.

“*As palavras que nunca te direi*” é a história de um amor perdido e reencontrado que inspirou até um filme, *Message in a bottle*, realizado em 1999 por Luis Mandoki. Tem como protagonistas Kevin Costner, no papel de Garrett Blake, Robin Wright Penn, a interpretar Theresa Osborne, e Paul Newman, como pai de Garrett.

Traduzido para a língua portuguesa pela Editorial Presença, “*As palavras que nunca te direi*” custa em Cabo Verde 2.080 \$00. O autor de bestseller “*O diário da nossa paixão*”, já publicado nesta colecção, volta assim com novo êxito, provando que tem mais para dizer das emoções profundas e prementes que fazem pulsar o coração humano. Esta história reúne um homem e uma mulher, cujas vidas tinham aparentemente perdido sentido, após dolorosas perdas sentimentais.

Theresa, divorciada e mãe de um adolescente, é colaboradora de um jornal onde escreve sobre relações entre pais e filhos. Garrett é professor de mergulho e vive na orla costeira, onde possui um magnífico veleiro restaurado por ele e pela falecida mulher. Aquilo que vai fazer com que as suas vidas se cruzem e lhes dará um novo e inesperado sentido é uma série de mensagens que ele lança ao mar em garrafas seladas. Cartas pungentes de amor e saudade... Durante umas férias passadas à beira-mar, Theresa virá um dia a encontrar uma dessas garrafas. Obcecada pela estranheza do achado, começará uma busca que a levará a tentar descobrir a verdade acerca de um homem e das suas memórias.

Um romance empolgante, emocionante, intenso, que trata com grande delicadeza a força e a fragilidade das grandes paixões.

Salett Nogueira



MÚSICA

Jovens talentos de Santa Cruz

Este espaço quer dar a conhecer ao público os novos rumos da musicalidade crioula. A presente compilação foi editada pelo Zé di Sucupira, um jovem à caça de novos talentos, também da música tradicional, sobretudo de Santiago.

Com o apoio da Câmara Municipal de Santa Cruz, cinco Estações de Rádio e uma Discoteca, o CD que vamos apresentar inclui a oferta de um DVD com duas faixas musicais inéditas e de muito sucesso. Trata-se do CD JOVENS TALENTOS DE SANTA CRUZ.

Com um total de 12 faixas de estilo funaná, tabanka, tabanka resa, zouklove e mistura de Sakis, custa 1400 escudos nas lojas da capital. Disponível no mercado há já algum tempo, conta com muita audiência nas FMs, em todo o espaço PALOP e não só, como nos dá conta a RDP ÁFRICA. Santa Cruz é o berço do notável precursor de uma nova era da música da ilha de Santiago – a instrumentalização do funaná que faz surgir um ritmo único e contagiante. Falamos de Carlos Martins (CATCHÁS), cuja memória se encontra perpetuada numa estátua, reproduzida na contra-capa do CD JOVENS TALENTOS DE SANTA CRUZ.

Canções com conteúdos marcantes na vida quotidiana do homem crioulo, como o reviver da Tabanka, da Tchabeta, da poesia mestiça do povo destas ilhas. Mas que também não deixam de acrescentar a crítica e o maldizer, as dificuldades, os amores e desamores do homem do campo, etc.

Algumas vozes do elenco surpreenderam-nos: é o caso do Nildson L'Ílila, com o funaná intitulado *Ka ta obi*, mas também do Victor Sanches, com a Tabanka *Stória di nha vida*.

Salett Nogueira



FILME

A namorada do melhor amigo

Uma longa-metragem que será lançada em Portugal a 27 de Novembro de 2008, *My Best Friend's Girl* ou *Bachelor No.2*, teve um orçamento estimado em 45 milhões de dólares americanos. Pela Internet já se pode ver extractos do filme que ainda não chegou às mediatecas de Cabo Verde.

A sua estreia mundial aconteceu na Holanda a 18 Setembro deste ano. Nos Estados Unidos viu-se pela primeira vez o filme a 19 de Setembro e durante estas cinco semanas esteve em cartaz em 6942 salas de cinema, arrecadando em bilheteira cerca de 41 milhões de dólares.

Trata-se de uma comédia com Kate Hudson, Jason Biggs, Dane Cook e Alec Baldwin que conta a história de Tank (Cook), um indivíduo que passa por um verdadeiro teste de amizade quando o seu melhor amigo lhe faz um pedido especial e muito estranho. Tank deverá convidar a namorada do amigo para um encontro no qual tudo estará planeado para dar errado. A ideia era fazer com que Alexis (Hudson), a moça perdida, perceba quanto o ex-namorado é maravilhoso. Mas as coisas não saem como planeadas.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

País de Origem: EUA

Classificação etária: 16 anos

Tempo de Duração: 101 minutos

Site Oficial: <http://www.mybestfriendsgirlmovie.com>

Estúdio/Distrib.: Imagem Filmes

Direcção: Howard Deutch

Salett Nogueira



Cinema na Internet

www.paff.org

Se quer estar em dia com as novidades do cinema afro-americano basta clicar em www.paff.org. Além de notícias frescas sobre o Festival Pan-Africano de Filmes e Artes, cuja 17ª edição está agendada para Fevereiro próximo, em Los Angeles, fica a par das estreias e notícias sobre os actores e realizadores negros norte-americanos.

artafrica

www.artafrica.info

Conheça o melhor da arte africana contemporânea no site www.artafrica.info. Ali fica a conhecer os eventos do mês, ler artigos sobre artes plásticas e apreciar exposições virtuais dos mais conceituados artistas plásticos africanos.



Dicionários Houaiss

www.dicionariohouaiss.com.br

Acesse o mais moderno e mais completo dicionário da língua portuguesa em www.dicionariohouaiss.com.br. Esta versão digital, disponível nos modelos monousuário, rede e intranet, traz o conteúdo completo do grande Houaiss, telas e botões interactivos, recursos avançados de pesquisa, grande velocidade de acesso aos verbetes e conjugação automática de 15 mil verbos.

Ilo Ferreira: a sorte de ser talentoso



É um lugar-comum mas, no caso de Ilo Ferreira, o ditado “filho de peixe sabe nadar” ajusta-se que nem uma luva. Afinal, o pai é Valdemiro Ferreira, ou melhor, Vlú, compositor de renome. E mesmo que o jovem Ilo não queira ser colado à carreira do pai buscando traçar o seu próprio caminho, a informação genética dá selo de qualidade também. É disso prova o disco que vai lançar no próximo ano, apadrinhado pelo músico norte-americano Jimmy Buffet.

O sonho de Ilo Ferreira era ser piloto de aviação, mas o apelo da música, que cresceu a ouvir na voz e na guitarra do pai, foi mais forte. E um dia, ops, o seu lado de cantor e compositor toma conta da sua vida. Assim, de repente. “Fiz as provas de acesso ao curso de pilotagem nos Estados Unidos, fui aprovado mas desisti. Voltei para Cabo Verde porque queria ser músico”, relata Ilo Ferreira.

Munido da sua guitarra, começou a traçar o futuro com que sonhava – uma carreira internacional. Esta veio bater-lhe à porta, de uma forma inesperada, no dia em que o músico Jimmy Buffet e o seu grupo de amigos pisaram em S. Vicente a caminho de Tombocto, Mali, onde decorre um dos festivais de música mais prestigiados de África. Conta Ilo Ferreira que se conheceram “durante um jantar, em que toquei e cantei. Gostaram da minha música e convidaram-me para actuar com eles nos EUA. E fui”.

Acostumado ao reduzido público que habitualmente assiste aos seus shows no Alta Lua (MindelHotel), Ilo Ferreira sofreu um baque quando subiu ao palco do Gillete Stadium (estádio da equipa de futebol americano New England Patriots) e deparou com um público de 60 mil pessoas. “Foi uma experiência maravilhosa. Só pensava: Meu Deus, é quase S. Vicente inteiro que está aqui dentro!”, recorda Ilo Ferreira ainda com um brilho no olhar.

Mas o melhor ainda estava para vir. Nos dias seguintes, Ilo Ferreira, dono de uma voz límpida e bonita e que domina com muita graça a guitarra, entrou em estúdio para gravar duas músicas com Jimmy Buffet. “Acabámos por gravar um CD inteiro, que será provavelmente lançado no próximo ano”, afirma Ilo Ferreira. Um disco de composições pop-rock e country, cantado quase integralmente em inglês: “Gravei apenas um tema em crioulo, “um country”, a pedido de Jimmy Buffet”.

Ilo Ferreira tem pois razões de sobra para sorrir. Está encantado com o mundo de música que Deus lhe deu e sonha voar alto rumo ao estrelato internacional. Por isso conta, entre risos, um dos mais caricatos episódios da sua jovem carreira: “Há dias, durante o meu show no MindelHotel, alguém, que talvez não me conhece, disse: “Boa, Vlú!”. Para Ilo Ferreira, o engano é perdoável. Afinal, confessa, “tenho muitas influências do meu pai, apesar de sermos pessoas e músicos diferentes”.

Teresa Sofia Fortes

Suplemento Kriolidadi

O brasileiro Júlio C. Sequeira tem apenas 25 anos e já é actor, editor e director de fotografia. Júlio, que encarnou uma das personagens do filme “*Cidade de Deus*”, está em Cabo Verde pela primeira vez e quer ensinar os jovens cabo-verdianos a descobrir a arte do cinema. Num rápido “*bate-papo*”, o actor contou como pretende incentivar esses jovens a descobrirem-se a si próprios na arte. O curso teve início esta segunda-feira, 20, no Centro Cultural Brasil-Cabo Verde, e vai durar duas semanas.

Kriolidadi: O que trouxe o Júlio a Cabo Verde?

Júlio C. Sequeira: Viemos, eu e uma colega, animar uma oficina sobre cinema e interpretação. Vamos tentar abarcar o universo do audiovisual, mas pensamos aprofundar mais a parte da produção e realização de filmes.

E porquê Cabo Verde?

Eu tenho um trabalho como realizador audiovisual. Já como educador, realizo oficinas em vários lugares do Brasil e até fora do meu país – por exemplo, já fui à Inglaterra e também estive no Senegal. E é baseado nessa experiência de educar e sobre o audiovisual que surgiu o convite da embaixada do Brasil aqui em Cabo Verde. Agora estamos em contacto com os alunos.

O que vai esta oficina ensinar a esses jovens?

Os nossos objectivos estão muito afinados com as expectativas deles. Ambos encaramos esta experiência como uma oportunidade para os jovens participantes terem contacto com a parte técnica de uma realização audiovisual (cinema), mas também para discutir o audiovisual como produção. Para que possam exercitar a criatividade artística e assim desenvolverem o seu potencial humano e crítico.

Esta oficina tem um público particular?

Existe uma faixa etária, mas está mais focado em jovens que tenham interesse em se descobrirem e encontrarem as próprias potencialidades como artista. De saberem questionar-se e aos conceitos, relacionados com o que eles vêem ou não no cinema. Que possam produzir “*cinema*” para passar de meros espectadores a produtores. Nós queremos incentivar isso, o universo do cinema, do audiovisual, mostrar a esses jovens que quando falamos em linguagem de cinema, nós podemos produzir cinema numa câmara de celular, numa máquina fotográfica, numa câmara de vídeo, etc., ou seja, com poucos recursos.

E como pretendes fazer isso?

Temos três horas por dia de segunda a sexta, durante duas semanas. Então, nós trabalhamos não só em equipa, porque o audiovisual é um trabalho de grupo, mas também cada indivíduo como pessoa, com suas ideias. Por exemplo, a ideia de cada um é valorizada, respeitada e ouvida. Nós fizemos um exercício onde cada um tinha que criar uma história com argumento e dar uma ideia de como ia realizar o filme. Cada um fez o que tinha de fazer e todos tiveram a oportunidade de apresentar a sua história e o projecto do seu filme.

E como actor, além de “*Cidade de Deus*” tem outros trabalhos?

Como actor já fiz muitos filmes mas a minha função é mais como realizador. Por exemplo, no filme “*Cidade de Deus*” tive uma pequena participação. Eu era um menino chamado Aristóteles, mas a aparição do meu personagem foi mínima no filme. E semelhante a este, tive outras personagens igualmente pequenas em outros filmes. Isso porque, normalmente, eu entro nos filmes e documentários mais como realizador, editor de fotografia e imagem, director de produção. Na própria “*Cidade de Deus*”, também participei no processo de preparação do filme.

Como actor teve uma pequena participação. E como realizador, acha que o filme denuncia ou incita à violência?

Isto é muito polémico, vamos ficar unicamente no âmbito da opinião. Eu acho que depende do ponto de vista, talvez a pessoa mais adequada para falar sobre isso seja o director



Actor da “*Cidade de Deus*” ensina a linguagem do cinema

do filme, que apresentou a sua visão, é o ponto de vista dele sobre aquele universo. Eu pessoalmente acho que “*Cidade de Deus*” faz as duas coisas: denuncia, mas por outro lado também incita à violência. Tudo depende do ponto de vista e do contexto em que o espectador está inserido. Aliás, essa discussão existiu no Brasil, na época.

Em Cabo Verde, por exemplo, surgiram vários “gangs” depois do filme. Acha que a forma como foi abordada a violência, no caso do nosso país, pode ter dado pistas para novas formas de violência, como fabricá-la e pô-la em prática?

Sem dúvida foi um aspecto negativo, por isso insisto na tese de que depende do contexto em que ele foi exibido. No Rio de Janeiro, por exemplo, não teve a mesma reacção, não houve nenhuma incitação à violência. Até porque no Rio de

Janeiro, a partir do filme, criaram uma escola muito importante para desmistificar o problema da violência, com debates, alguns personagens. Por exemplo o Leandro Fernandes, Zé Pequeno no filme, que interpreta um personagem de uma pessoa malvada, ensina nesse escola e mostra que na realidade ele é uma pessoa totalmente diferente, do “*bem*”.

E porque aqui em Cabo Verde incitou à violência? Não será que se transportou para cá, uma realidade bem mais sofisticada do crime, que as pessoas não conheciam?

Não lhe sei dizer, ainda conheço pouco Cabo Verde. Precisava conhecer mais para responder a isso. Porque falar de algo que eu não conheço pode levar a que eu seja preconceituoso ou presunçoso, então prefiro não tecer nenhuma opinião sobre isso.

Gilvanete Chantre

Elias Vaz Moniz surpreendido com Prémio Cidade Velha

Elias Vaz Moniz é o vencedor do Grande Prémio Cidade Velha, com o trabalho *“Africanidades e eurocentrismos em pelejas culturais e educacionais no fazer-se histórico de Cabo Verde”*. Natural da Praia, 40 anos, Vaz Moniz é professor de História de Cabo Verde e de África na Uni-CV e o trabalho ora premiado é a adaptação da sua tese de doutoramento em história social defendida na Pontífice Universidade Católica de S. Paulo, Brasil, em Junho do ano passado.

Embora todo aquele que concorra a um prémio fá-lo no pressuposto de o poder vencer, Elias Vaz Moniz afirma-se surpreso pela escolha do júri da segunda edição do Grande Prémio Cidade Velha, criado pelo Ministério da Cultura. Agora, declarado vencedor, vai ter além dos mil contos, que é o valor pecuniário do prémio, outros mil contos do MC para publicar em livro o seu trabalho premiado. *“Foi uma enorme alegria e surpresa, até porque não esperava que o resultado fosse anunciado, da forma como foi, na sexta-feira. Foi uma amiga que estava presente na cerimónia que me telefonou a dizer que era eu o vencedor”*, contou ao **Kriolidadi**.

O trabalho em apreço, explica Vaz Moniz, aborda aspectos da história da cultura e da educação em Cabo Verde, antes e depois da independência. E no que a educação diz respeito, explica como é que esta serve de *“instrumento de subjugação”* de grupos sociais no período colonial e mais tarde, com a independência, como vector para *“forjar uma nova identidade”* nestas ilhas.

O Prémio Cidade Velha faz também, apesar de autor de vários trabalhos publicados de forma dispersa no país e no estrangeiro, o nome de Elias Vaz Moniz despontar, doravante, no domínio do ensaio em Cabo Verde.

TALENTOS JOVENS

Mas não foi só Elias Vaz Moniz o vencedor dos prémios atribuídos pelo MC por ocasião do Dia Nacional da Cultura, que se assinalou no passado sábado, 18. Silvano Sanches (composição), Adriel Pires (composição instrumental), Xiomara Barbosa (interpretação) e Eleutério Moreira (investigação musical) foram os nomes anunciados como os galardoados com o Prémio Pantera – Descoberta de Talentos Jovens, durante a Gala Musical no Auditório Nacional Jorge Barbosa, em dia de casa cheia. E o espectáculo fez por merecê-lo, pois há muito não se via algo do género naquele espaço.

E o público viu-se *“brindado”* com uma noite inesquecível, onde sobressaíram Princesito, Zeca de nha Reinalda e Hernâni, para culminar com o reaparecimento do Bana, vivamente ovacionado pelos presentes. O cantor, que continua a recuperar da doença que há poucos meses o afectou, quase se desfazia em lágrimas de emoção reconhecido: *“Eu que vim para cantar apenas duas músicas, já vou em quatro”*. E lá se despediu com mais uma morna: *“Lena”*, de Manuel d’ Novas, sempre acompanhado pelos irmãos Kim (teclados) e Tó Alves (cavaquinho).

A LUA DO PRINCESITO

Chamado ao palco para homenagear os premiados da noite, José Maria Neves não deixou de salientar a importância dos prémios Pantera na lapidação do *“diamante bruto”* que é a cultura cabo-verdiana, no caso a sua música. *“Eu tenho a certeza de que com estes prémios estaremos a descobrir, efectivamente, novos talentos em Cabo Verde, e a ajudar a música cabo-verdiana a ir muito longe, até agarramos a lua do Princesito”* disse.

Note-se que além do valor pecuniário, cada premiado foi contemplado com um instrumento musical, do lote que a China acaba de oferecer a Cabo Verde. Desse lote, o Ministério da Cultura anunciou que vai oferecer um piano de cauda, no valor de mais de três mil contos, à Universidade de Cabo Verde para a sua escola de música.



ELIAS VAZ MONIZ: O novo rosto do ensaísmo caboverdiano

Cinema

De 27 a 31 deste mês, assista no auditório do Centro Cultural do Mindelo à **Semana de Cinema Africano**. Veja, durante cinco dias, sempre às 19h00, alguns dos melhores filmes africanos da actualidade.

Espectáculos

Djoya (voz) e Chico Serra (piano) actuam esta noite no Bar Lobby. Amanhã, estarão em palco Nha Kappa (voz), Bau e Voginha (guitarra) e Tchenta (teclados). Dois concertos, a mesma promessa – a boa música cabo-verdiana contemporânea e de antanho.

António Vitorino de Almeida vem a Cabo Verde na próxima semana para dois recitais de música clássica. O maestro português actua, primeiro, no Mindelo, na quarta-feira, 29, no Salão dos Salesianos. Depois, a 31, a sua música fluirá no Auditório do Centro Cultural Português-Instituto Camões da Praia.

“*Um spiga pa cada alguém*”, assim se chama o espectáculo musical que **Princezito apresenta no dia 1 de Novembro na Barragem de Poilão, interior de Santiago, em jeito de lançamento do seu disco de estreia – Spiga.** O evento em que também actuarão as batucadeiras de Santa Cruz e de São Jorge dos Órgãos, conta ainda com uma feira gastronómica cujo ponto forte são 40 pratos feitos a base de milho.



“*Um homem, uma mulher e um frigorífico*” volta à cena hoje, 24, e amanhã, 25, sempre às 19h30, no Auditório do Centro Cultural Português/Instituto Camões da Praia. Com texto de Mário Lúcio Sousa e encenada por João Paulo Brito, a peça é interpretada por Valdir Brito e Raquel Monteiro.

Vadú está de volta ao palco em que habitualmente actua em S. Vicente – o Alta Lua (MindelHotel). O concerto é amanhã, 25, às 23h30. O músico praiense, que actuará acompanhado de Hernâni Almeida e sua banda, preparou para esse espectáculo um repertório que mescla êxitos do seu primeiro álbum (Nha Rais) e temas do seu segundo disco (Dixi Rubera).

Betina Lopes estará de volta aos palcos na próxima sexta-feira, 31, com um concerto no Tradissom & Morabeza, às 21h30. A cantora, que foi premiada nos anos 80 com o Prémio Preservação da Música de Cabo Verde pela organização Music & Solderity de Brockton, actuará acompanhada da banda Fusão.

Albertino Évora concerto para hoje, à noite, no Quintal da Música. A banda formada por Zeca Couto, Totinho e Raul Ribeiro acompanham o artista. Amanhã, 25, no mesmo palco e horário actuam Zé Luís, Kiff, Toni e Betinho.

Tradissom & Morabeza, no Mindelo, acolhe dois espectáculos este fim-de-semana: Pedras (guitarra) e sua banda, hoje, 24, e Viviane (voz) e grupo So Sabe amanhã, 25. Ambos às 21h00. A

seguir aos shows haverá “*boi d’saia*” (baile tradicional).

Nôs música na Mundo

Jorge Humberto canta hoje, 24, no Restaurant Mam’Bia, na cidade de Paris. O cantor cabo-verdiano irá interpretar temas dos seus cinco discos, entre eles o mais recente – *Identidade* –, editado em 2005.

Tcheka estará em concerto na quarta-feira, 29, no Theatre du Campagne, em Troyes, a 150 km de Paris (França). “*Lonji*”, o seu mais recente disco, vai dar o tom e ditar o repertório.

“*Gala do Kretcheu*” é o nome do espectáculo musical que acontece na próxima sexta-feira, 31, no “*Armazém F*”, de Santos, em Lisboa, a partir das 23h00. Música com Tito Paris e seus convidados, e feira de gastronomia cabo-verdiana são os pontos altos do evento.

Gil Semedo continua a sua viagem pela Europa promovendo o seu CD “Cabopop”. Hoje, sexta-feira o cantor actua na Discoteca Lagars, em Portu-

gal. Dia 1 de Novembro é a vez dos habitantes da comuna de Nurieux – Volognat, França, escutarem a música do rei da pop cabo-verdiana.

Lura actua hoje, 24, no Gallo Center for the Arts, na cidade de Modesto, Califórnia (EUA). Amanhã, 25, a cantora sobe ao palco do famoso Royce Hall, na mega-cidade de Los Angeles, também na Califórnia.

